

# SÓCRATES: O CONHECE-TE A TI MESMO E O RACIONALISMO ÉTICO

Epitácio Rodrigues<sup>1</sup>

## Resumo

Apesar de não ter deixado nenhuma obra escrita, o filósofo Sócrates é, sem sombra de dúvidas, um marco na história do pensamento filosófico ocidental. Nesse artigo pretende-se abordar a centralidade do autoconhecimento como *conditio sine qua non* para a conduta ética no pensamento socrático, a partir da máxima “conhece-te a ti mesmo” (*gnothi seauton*). O objetivo é explicitar que, ao lado do propalado “só sei que nada sei”, situa-se a exigência fundamental do autoexame filosófico como caminho para uma vida com sentido. A pertinência dessa reflexão se justifica pela própria experiência cotidiana, na qual, não raro, as ações, valores, princípios e decisões são assumidos à revelia da construção de uma identidade ética consistente do próprio indivíduo. Noutras palavras, a “missão” de Sócrates ainda hoje serve como referência interpeladora a respeito de quem se é para descobrir verdadeiramente o que se deve querer.

**Palavras-chave:** autoconhecimento. Psique. Sujeito ético. Maiêutica.

O filósofo Sócrates (469-399 a.C) é, com certeza, uma das figuras mais ilustres na tradição filosófica. Ora citado com respeito e admiração pelos filósofos, ora criticado e acusado, mas sempre considerado como uma pessoa que teve uma grande importância na história da filosofia ocidental.

Os dados biográficos a seu respeito nos dizem que ele nasceu por volta do ano 469 ou 470 a.C, na cidade de Atenas na Grécia. Portanto no século V a.C. Poucas vezes deixou a cidade, e quando o fez foi como soldado.

Sua vida parece dar uma guinada com dois eventos ocorridos em Delfos, como oportunamente se explicitará.

A respeito da sua importância dirá Jacques Maritain: “Sócrates fez profissão de ignorância e ensina aos seus ouvintes a procurar somente a verdade. Toda a sua obra foi, portanto, uma obra de *conversão*; procurou soerguer a razão, orientado-a para a verdade, isto é, para aquilo para o qual ela foi feita” (1963, p.47). Maritain, com a sutileza que lhe é peculiar, ao utilizar a palavra *conversão*, e em itálico, quer chamar atenção para o seu verdadeiro significado, que no grego, a língua de Sócrates, é dita *metanóia*, através do pensamento. O seu significado básico é mudar a forma de pensar o próprio pensamento. Nesse sentido, vê-se o trabalho de Sócrates como a construção de um método, mas também de uma construção conceitual; ele opera uma mudança não somente na forma de pensar, mas também no conteúdo do próprio pensamento.

---

<sup>1</sup> Epitácio Rodrigues é graduado em Filosofia e pós-graduado em História e Cultura Afro-brasileira, professor de Filosofia da rede pública do estado do Ceará. Autor de vários artigos e crônicas e coautor do livro *As Portas do Tempo nos Muros da Vida*.

No que se refere ao conteúdo do pensamento, o contexto teórico no qual Sócrates viveu estava marcado por duas posições frente às quais ele se posicionará em seus diálogos nas ágoras, nas ruas e reuniões com amigos ou adversários debatedores. A primeira delas é a tradição firmada pelos primeiros filósofos, os fisiólogos ou pré-socráticos, que orientaram suas investigações para a questão do princípio do cosmos (cosmologia), a outra é a postura dos seus contemporâneos, os *sofistas*, sábios professores que se ocupavam do ensino da retórica, da gramática aos jovens e que, no campo mais estritamente filosófico, defendiam a relatividade do conhecimento. É célebre a afirmação de Protágoras: “o homem é a medida de todas as coisas”. Os sofistas ao colocarem o conhecimento de modo geral a serviço dos interesses da formação política da aristocracia ateniense pregaram um relativismo do discurso que teve como consequência mais imediata o abandono da verdade como objetivo final do ensino/aprendizagem. Mas o que significa para ser humano viver sob o abandono da verdade? Quais são os valores fundamentais do ser humano que não podem ser minorados em detrimentos de interesses como poder políticos, fama, glória e congêneres? Pode-se reduzir a verdade à mera opinião? Pode-se transformar a conduta pessoal num feixe de ações movidas por interesses exteriores e imediatos? O que resta de um ser humano que vive sob o julgo do relativismo ético e gnosiológico?

O filósofo Sócrates dedicou parte de sua vida a exortar os seus interlocutores ao autoconhecimento em busca de uma vida feliz. Quando se opõe aos seus contemporâneos, proclamando nas praças “conhece-te a ti mesmo”, realiza uma verdadeira reviravolta antropológica, colocando o homem concreto no centro da investigação filosófica. Há nas suas prédicas filosóficas um claro interesse pelas ações virtuosas dos homens, mas construídas sobre o alicerce da razão conceitual, daí a importância do método maiêutico, fundamentado sobre a indagação: *o que é? (ti estin)*), como passagem da opinião (*doxa*) à ciência (*episteme*), elucidando conceitualmente a essência das ações virtuosas, que, segundo ele, deveria ser o bem absoluto.

Nessa busca da verdade do próprio homem, Sócrates apela às pessoas que desçam às profundezas delas mesmas, onde habita o bom gênio interior (eu-daimon,[ eudaimonia-felicidade]) e percebam quais as verdadeiras exigências da essência humana.

Nessa filosofia moral do homem concreto, Sócrates chega a defender que a felicidade não consiste na honra, riqueza, glória ou coisas do tipo, mas em “ter a alma boa”. Felicidade é a boa conduta e boa conduta é fazer o bem! Ou seja, fazer aquilo que

verdadeiramente convém à alma e à essência do homem. Para Sócrates, a alma é a sede da consciência moral e do caráter, cuja interioridade que lhe é própria se manifesta cotidianamente nas palavras e ações das pessoas. Assim, o “conhece-te a ti mesmo” é o caminho para a retidão moral, pois identifica conhecimento e virtude (Cf. PESSANHA, in: SÓCRATES, 1999, p.30). Ele acreditava que o ser humano é essencialmente a sua psique/alma, ou seja, a razão enquanto sede da atividade pensante e eticamente operante (Cf. REALE & ANTISERI, p. 87). Por isso, assumiu como sua missão nas andanças que realizava convencer aos jovens e velhos de que o foco do cuidado humano devia estar voltado à alma e não tanto ao corpo e às riquezas e demais coisas exteriores. Como se pode ler na *Apologia*

Nada mais faço a não ser andar por aí convencendo-vos, jovens e velhos, a não cuidar com tanto afincado do corpo e das riquezas, como de melhorar o mais possível a alma, dizendo-vos que dos haveres não provém a virtude para os homens, mas da virtude provêm os haveres e todos os outros bens particulares e públicos (1999, p. 57).

O corpo, segundo ele, era apenas um instrumento do qual se servia a psique/alma. Assim, quando afirmava repetidas vezes: “conhece-te a ti mesmo”, ele estava exortando cada pessoa a empreender um verdadeiro mergulho na sua interioridade, pois, como deixa muito claro na *Apologia* “a vida sem exame não é digna de ser vivida”. Vale lembrar que a inscrição “conhece-te a ti mesmo”, não lhe pertence, mas ele pertence a ela. De fato, essa frase estava grafada no frontispício do templo de Apolo, em Delfos. O mesmo templo no qual seu amigo de infância e discípulo Querefonte, havia indagado a sacerdotisa como o narra o filósofo no dia do seu julgamento:

Conheceis o temperamento de Querefonte, tão tenaz em seus empreendimentos. Ora, certa vez, havendo ido a Delfos, arriscou esta consulta ao oráculo, repito, senhores, não vos irriteis, ele perguntou se havia alguém mais sábio do que eu; respondeu Pítia que não existia ninguém mais sábio” (1999, p. 44).

Segundo Chauí, a dedicação de Sócrates à filosofia começa com a sua ida ao templo de Delfos e ter ouvido uma voz que lhe falava ao íntimo, o seu *daimon*, fazendo-o compreender que o oráculo inscrito no frontispício do templo “conhece-te a ti mesmo” era sua missão. A partir daí, ele passou a ser conhecido como alguém dedicado ao conhecimento de si e que instigava aos outros indagações sobre si próprios, nas praças, ruas e reuniões de amigos (2002, p.179). A convicção do filósofo acerca dessa missão

pode ser deduzida das suas palavras frente à possibilidade de um exílio como condenação frente às acusações que lhes imputavam

Pode alguém perguntar: “Mas não serás capaz, ó Sócrates, de nos deixar e viver calado e quieto?” De nada eu convenceria alguns dentre vós mais dificilmente do que disso [...] Para o homem nenhum bem supera o discorrer cada dia sobre a virtude e outros temas de que me ouvistes praticar quando examinava a mim mesmo e a outros, e que a vida sem exame não é vida digna de um ser humano (1999, p. 67).

A fala de Sócrates deixa claro que sua atividade filosófica tem como foco fundamental o autoconhecimento e despertar nos demais a mesma busca. Nesse sentido, a sua atividade filosófica questiona a axiologia vigente, ao defender como verdadeiros valores aqueles ligados às coisas exteriores, como o poder, a fama, a riqueza e aqueles referentes ao corpo como a vida, a beleza, o vigor, a saúde física, desprezando os valores da alma, que em última instância, reduzem-se ao conhecimento.

Os valores atribuídos às coisas exteriores e ao corpo, quando dissociados do conhecimento, tornam-se grandes males. Nesse sentido, é compreensivo a ênfase dada à máxima: “conhece-te a ti mesmo”, pois a ausência desse conhecimento leva ao erro, ou seja, o erro é proveniente da ignorância, do desconhecimento. Percebe-se, portanto, que há identidade entre verdade e bondade, entre o ser, o conhecer e o agir (Cf. RODRIGUES, 2014). Pode-se questionar tal entendimento a partir da diferença entre o “saber”, e o “querer”. Assim, é possível saber o que é certo, mas querer e até fazer o que é sabidamente errado. Não há nessa compreensão uma negação da liberdade humana?

Mas há aí uma interpretação superficial da questão, pois o *conhece-te a ti mesmo*, tal qual o entende Sócrates não se reduz ao encontro racional com suas emoções e reações, mas um mergulho naquilo que é a constituição fundamental do ser humano: o verdadeiro ser humano, que é fundamentalmente bom, por isso a necessidade de um conhecimento verdadeiro de si mesmo. Portanto, se suas ações não retratam essa bondade fundamental, então é sinal claro de desconhecimento de si mesmo. No *conhece-te a ti mesmo* na há receita de felicidade, mas uma exortação a se por a caminho de si mesmo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Ética à Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2002,  
CHAUI, Marilena. *Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. 2ª ed. rev. e ampli. São Paulo: Companhia das Letras, 2002;  
MARITAIN, Jacques. *Elementos de Filosofia I: Introdução Geral à Filosofia*. 6ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Agir, 1963.

PESSANHA, José Américo Motta. Platão e as Ideias. In: Curso de Filosofia (org. Antonio Rezende) 13ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, pp. 51-67.

PLATÃO *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.p. 52. Col. Os Pensadores.

REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. História da Filosofia, Vol. I 7ª ed.. São Paulo: Paulus, 2005;

RODRIGUES, Epitácio. Conheça-te a ti mesmo. << Disponível em: [www.filosofiaprofrdrigues.blogspot.com.br](http://www.filosofiaprofrdrigues.blogspot.com.br): acesso: 02/06/2014>>